

## Os Ateliês Biográficos de Projeto e os processos formativos de professores: diálogos, (auto) biografia e ludicidade

*Lúcia Gracia Ferreira<sup>1</sup>*

**Resumo:** Os estudos sobre a formação docente vêm crescendo no campo acadêmico e a perspectiva (auto)biográfica vem acompanhando esse crescimento, principalmente no campo da docência. Nesse âmbito, a proposta deste artigo é de promover um diálogo entre os Ateliês Biográficos de Projeto, suas características e aspectos formativos e a ludicidade com suas dimensões e saberes atrelada a formação docente. Este objetiva, promover o debate sobre a reflexão sobre o processo de formação, buscando a (auto)formação e a dimensão lúdica, chamando atenção dos professores para a necessidade da mudança, que começa em si mesmo.

**Palavras-chave:** (Auto)Biografia. Formação. Ludicidade. Professores.

### The Project Bio Workshops and training processes of teachers: dialogues, (auto) biography and playfulness

**Abstract:** The study of teacher education have been growing in the academic field and the prospect (auto)biographical has accompanied this growth, especially in the field of teaching. In this context, the purpose of this article is to promote a dialogue between the Project Bio Workshops, his formative features and aspects and playfulness with its dimensions and knowledge linked to teacher training.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos(UFSCar). Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Linguagem, Pesquisa e Ensino e Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Pesquisa CNPQ: Docência, Currículo e Formação. E-mail: [luciagferreira@hotmail.com](mailto:luciagferreira@hotmail.com)

This aims to promote the debate on the consideration of the training process, seeking the (self) training and playful dimension, drawing attention of teachers to the need for change, starting in itself.

**Keywords:** (Auto) Biography. Formation. Playfulness. Teachers.

## **Introdução**

As várias discussões realizadas nas últimas décadas sobre a formação de professores tem se baseado, principalmente, nas teorias que incentivam o professor a ser prático, reflexivo e autônomo, através de práticas formativas pautadas na perspectiva da autoformação, interação e investigação. Assim, dialogar com sua própria biografia possibilita aos professores compreender sua história de vida pessoal e profissional e ressignificar sua formação e prática, estando constantemente mergulhados num processo formativo.

Dessa forma, o campo de atuação profissional tende a sofrer mudanças e a promover a busca de transformações necessárias para uma educação pública de qualidade. Além do mais, nesse processo formativo as reflexões contribuirão para construir práticas inovadoras de ensinar em que aspectos da ludicidade como a sensibilidade, a criatividade, a comunicação etc. Assim, visando contribuir para as histórias de vida-formação este artigo buscou refletir sobre os diálogos sobre (auto)biografia e ludicidade, utilizando os ateliês biográficos de projeto no processo formativo de professores.

## **(Auto)Biografia e Ludicidade: diálogos formativos**

Rememorar é poder, além de trazer à tona lembranças, promover a reflexão sobre as experiências vivenciadas. As histórias narradas da memória nos possibilitam ampliar horizontes, e o trabalho com a memória reúne uma pluralidade de significados e explica uma diversidade de vivências. Ao narrar sua história, o sujeito se permite conhecer a si mesmo, já que “[...] a escrita da narrativa tem um efeito formador por si só. Isto porque coloca o ator num campo de reflexão [...]” (SOUZA, 2006, p. 60).

Souza (2006, p. 107) afirma que “lembrar é uma atividade do presente, é muito mais do que reviver o passado, porque rememorar pode significar trazer para o presente fatos já vividos no passado”. Com esse pensamento, intentamos aqui, através das narrativas (auto)biográficas, apresentar fatos da memória, já que “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história” (POLLAK, 1989, p. 9).

As narrativas (auto)biográficas, escritas ou orais, questionam os sentidos das experiências de vida, aprendizagens e saberes, e, através das memórias de si, permitem o entendimento da formação (SOUZA, 2006). Por isso, as nossas trajetórias de vida nos admitem afirmar que é possível aprender com as experiências. Essas narrativas permitem pensar sobre as experiências, aprendizagens e os sentidos presentes na formação, pois foram adquiridos num contexto individual e coletivo e fazem parte do processo identitário do indivíduo.

Assim, as narrativas revelam uma temporalidade diferente daqueles tempos e espaços padronizados. O sujeito que narra se inscreve numa dimensão temporal – passado, presente e futuro – que envolve as construções que o representa. Segundo Passeggi et al. (2006, p. 266) “a formação é, inevitavelmente, autoformação. Uma articulação criadora de sentido a partir da dimensão histórica de cada um”. É nessa perspectiva que a formação ao longo da vida deve acontecer, pois nem sempre os currículos dos cursos de formação carregam em si a proposta do processo de autoformação e os ateliês Biográficos de Projeto possibilitam o sujeito pensar sobre si e sobre sua história de vida.

A abordagem (auto)biográfica vem sendo muito utilizada nas pesquisas sobre formação docente, a partir das histórias de vida dos sujeitos participantes. Dessa forma, a individualização, presente no processo de formação do sujeito, pautado na abordagem (auto)biográfica, articula-se ao social. Nesta concepção, Delory-Momberger (2008a, p. 28) explica que “individualização e a socialização são duas faces indissociáveis da atividade biográfica”. De acordo com a referida autora:

Dentre os procedimentos utilizados na formação de adultos, a corrente das “histórias de vida em formação” detém, seguramente, um lugar especial, na medida em que desenvolve uma metodologia específica, fundada sobre a exploração da história pessoal, e assume como objetivo a formação global. [...]. Essa valorização da experiência problematiza e alarga o conceito de formação; questiona o seu quadro de referência habitual, centrado em objetivos técnicos e profissionais; entrega ao próprio sujeito o encargo de seus procedimentos de formação e a definição de suas necessidades (DELORY-MOMBERGER, 2008a, p. 99-100).

Esses ateliês se configuram como sendo uma atividade de “pesquisa-formação”, pois, segundo Josso (2008, p. 20),

[...] a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas e se posiciona nos seus percursos de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seus projetos de vida e suas necessidades atuais de formação.

Os ateliês biográficos de projeto se configuram como um procedimento de formação ligado a “dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité*<sup>2</sup> aberto ao projeto de si” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366). Segundo a autora, esses ateliês se inscrevem em ações de orientação e reorientação profissional, em grupo e numa perspectiva que liga as três dimensões da temporalidade (presente, passado e futuro). Nesses, os participantes tomam conhecimento, com antecedência, do tema que será trabalhado na sessão. Esses encontros se desenvolvem em seis etapas. O primeiro momento é um tempo de *informação* sobre o procedimento, os objetivos do ateliê e os dispositivos que serão colocados em prática; o segundo, é a *elaboração, a negociação e à ratificação coletiva do contrato biográfico*; o terceiro e quarto se desenvolvem em duas jornadas, e configuram como o momento da *produção da primeira narrativa autobiográfica e à sua socialização*; o quinto momento é o da *socialização da narrativa autobiográfica*;

<sup>2</sup> Essa é uma expressão criada pela autora, que não tem correspondente em português. Indica literalmente a possibilidade de se dar forma a algo e, por analogia, a possibilidade de formação. N. T.

o último momento é um tempo de síntese, onde os projetos de cada um é coexplorado, realçado e nomeado.

Dessa forma, os ateliês se configuraram como momentos importantes de produção e narração das histórias de vida, como ressalta Moraes (2004, p. 169):

Ouvir a história de vida do professor vem se apresentando como uma alternativa, entre outras, para formar o professor. Entretanto, é importante salientar que não é suficiente somente dar voz ao professor: é necessário fazê-lo refletir sobre as nuances que teceram essa formação. É necessário oportunizar momentos nos quais, a partir da reflexão, seja possível enxergar com mais clareza e consciência como ele vem se tornando professor.

A partir dos ateliês trabalha-se com dois diferentes gêneros textuais (autobiográficos) – orais e escritos, como fontes de pesquisa, inscritos no paradigma das ciências humanas e sociais. Em ambos as narrativas de vida são tomadas “como um fragmento do mundo sócio-histórico” (PASSEGGI, 2000). Como gêneros autobiográficos, são trabalhados em suas particularidades, diferenças e semelhanças, promovendo a confiabilidade da análise e interpretação dos dados, tomando as suas dimensões, contextos, demandas, expectativas e finalidades, tentando “abarcara globalidade de uma das dimensões da vida e procurar entendê-la em sua dinâmica própria: a formação para a docência [...]” (PASSEGGI; BARBOSA; CÂMARA, 2008, p. 74). Estes têm como efeito sobre o ator/autor a apropriação do poder da autoformação, de auto-avaliação, ou seja, promove a reinvenção de si, através das narrativas, que em educação, “dentro do mesmo espírito, foi concebida como um processo de intervenção, tendo como prioridade colocá-la a serviço do narrador, visando à sua transformação” (PASSEGGI, 2000).

Delory-Momberger (2008b) ressalta que, nas ciências da educação, o processo de biografização apóia-se na relação entre aprendizado e biografia. Para a autora, a história de vida acontece na narrativa, porque é esta que dá forma ao vivido. A narrativa, nesse aspecto, é mais que apenas o instrumento da formação e a linguagem, “a narração é o lugar

no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida” (2008a, p. 56). É pela narrativa que transformamos os acontecimentos e organizamo-los.

A narrativa em pesquisa (auto)biográfica possibilita o contato com a memória, a lembrança e a história; permite que o sentido da história de vida narrada venha a tona; que o passado, o presente e o futuro se correspondam. Ela envolve interpretação e descrição e permite a releitura da experiência vivida. A narrativa permite que cada sujeito se biografue de modo diferente, pois cada indivíduo é um sujeito singular-plural.

Dessa forma, as histórias de vida tomam um rumo importante na área de formação de professores, pois através delas as narrativas das experiências da vida pessoal ou profissional dos docentes são reveladas; também porque abrange a dimensão de projeto constitutivo da história de vida e do processo de formação. A narrativa se constitui o meio pelo qual a história de vida é reconstruída (DELORY-MOMBERGER, 2006). Para a autora, a narrativa de vida é uma “matéria instável, transitória, viva, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se anuncia” (p. 362). Essa narrativa se reconstrói e juntamente com ela, o sentido da história que se anuncia. Cabe ressaltar que, as histórias de vida, não são, portanto, a própria vida, “mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram, pela fala ou pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas”. Assim, está a importância das narrativas nas histórias de vida, que não se constituem por si só. Para Souza (2006, p. 16), “a construção e o conhecimento de si propiciados pela narrativa inscreve-se como um processo de formação porque remete o sujeito numa pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência, frente à análise de seus percursos de vida e de formação”.

Abrahão (2006) aponta o trabalho desenvolvido com a tríplice dimensão da narrativa: como fenômeno: ato de narrar-se, como método investigativo e como processo de ressignificação do vivido. Assim como a autora, Cunha (1997) relata que essas narrativas (auto)biográficas ou de formação, vem sendo muito utilizadas como procedimento de investigação e procedimento formativo. As narrativas de formação permitem que o

sujeito fale de sua experiência de vida e reflita sobre ela, possibilitando a aquisição de conhecimentos e a formação. E os ateliês biográficos de projeto além de tratar da biografização dos sujeitos, esta proporciona que as experiências vividas venham a tona.

Por isso, essas narrativas possibilitam a retomada das aprendizagens e experiências. Assim, refletir sobre si, sobre suas experiências, sobre as culturas com as quais estabelecem contato, sobre sua própria história permite-lhes entender a sua visão de mundo e como chegou até ela. Todas essas reflexões levam também a reflexão sobre o processo formativo profissional, de como se tornou professor, leva-o a pensar na formação, a entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação (SOUZA, 2007). É nesse sentido que essas narrativas se configuram práticas de formação.

Nessa perspectiva, os ateliês biográficos de projetos é um procedimento que possibilita a formação e a ludicidade é uma prática que promove a criatividade. Ela funciona como a abertura para novas aprendizagens, novas experiências e desenvolvimento da identidade docente. Segundo D'Ávila (2012, p. 25-26) fala sobre a prática educativa lúdica remetendo a Luckesi e que esta nos ajuda a viver mais criativamente. Mas a autora ainda ressalta que:

Incluimos aqui a dimensão da arte como ingrediente indispensável ao ensino lúdico. Daí a necessidade eu temos de trabalhar, nas metáforas criativas, com a linguagem artística em suas diferentes nuances. [...] Estamos pouco acostumados com o uso de outras linguagens, para além da verbal, na sala de aula. A ausência da linguagem visual, corporal, a ausência de atividades sensíveis (que integrem pensamento-corpo-emoção) tem reduzido o ensino-aprendizagem a práticas reiteradamente academicistas – ou ainda, muito assentadas sobre conteúdos abstratos. Não que os conteúdos não sejam importantes. Eles são nossa matéria-prima, claro, esta é uma questão indiscutível. Mas precisamos, enquanto professores, entender que o ser humano não aprende apenas com o intelecto. A arte tem o poder de despertar nas pessoas o estado sensível fundamental à aprendizagem.

A arte como aspecto da ludicidade reflete a criatividade e a sensibilidade. Na formação de professores, mais especificamente, nos ateliês biográficos de projeto ela deve estar presente para promover a interação do grupo e a reflexão de como falam dos seus processos identitários-formativos, como falam de si para si e para o coletivo. Essa troca de aprendizagens grupal estabelece um diálogo reflexivo e uma escuta sensível entre os participantes.

Nesse âmbito, formar um professor deve ser mais que cumprir um currículo e um programa, é investir num profissional com condições de desenvolver suas atividades laborais com competência. Essa formação envolve também a autoformação e nela as práticas lúdicas se envolvem e se interagem. Assim, aprendemos com as vivências e experiências que interferem tanto na vida pessoal quanto profissional.

A experiência lúdica é uma experiência interna do sujeito e nela está presente a entrega do corpo e das subjetividades e abstrações do indivíduo (LUCKESI, 2015). Na formação docente na perspectiva da autoformação, ela invoca a criatividade e sensibilidade e oportuniza ao professor o conhecimento de si. Segundo Rabello (2013) o professor necessita vivenciar experiências plenas despertando as dimensões lúdicas e estéticas em si mesmos, tendo prazer no desenvolvimento de suas atividades.

Assim, os estudos desenvolvidos por Delory-Momberger (2008a) e também as pesquisas empreendidas por Josso (2004), concernentes à (auto)biografia no processo de formação de adultos, especificamente, nesta pesquisa, na formação docente, foram tomadas como referências. A estruturação desta proposição formativa baseou-se na

[...] concepção de formação que toma como ponto de partida os próprios indivíduos e tem por objetivo ensiná-los a reconhecer melhor as suas competências e a construir com elas, percursos de formação personalizados, apropriados ao desenvolvimento de aptidões, ao mesmo tempo profissionais e pessoais, exigidas pela “nova produtividade” (DELORY-MOMBERGER, 2008a, p. 88).



Ao referenciar o trabalho de investigação-formação nos ateliês biográficos de projeto, apresentados pela referida autora, busca-se propor aos participantes desse processo de investigação-formação a compreensão das experiências vivenciadas em suas trajetórias de vida-formação, dos conhecimentos e de aprendizagens adquiridos nestas itinerâncias e a projeção de novas perspectivas formativas, profissionais e pessoais.

Mais especificamente, foi tomado como referência os Ateliês Biográficos de Projeto, propostos por Delory-Momberger (2008a), que tomam como subsídio teórico-metodológico a história de vida como processo de formação de adultos, “em uma dinâmica prospectiva”, que articula o passado, o presente e o futuro.

Nessa perspectiva, a abordagem (auto)biográfica, no contexto da formação docente, toma como referências as histórias de vida dos sujeitos participantes, possibilitando, neste processo, a construção de projetos pessoais e profissionais, a partir da narração e da reflexão que estes empreendem sobre as experiências vivenciadas em sua própria trajetória. A narração e a reflexão, segundo Delory-Momberger (2008b, p. 26) permitem aos sujeitos a compreensão de si mesmo, no âmbito do seu contexto sócio-histórico. Neste sentido, a autora define “o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos”.

Os momentos dos ateliês proporcionam essa reflexão e deve ser acordado com o grupo. Nesses ateliês biográficos, os participantes devem ser estimulados a falar de si, dos seus processos formativos e a socializar as suas oralidades e escritas, com propostas que explorem a dimensão lúdica, pois segundo Lopes (2004) a ludicidade é uma condição do ser humano, portanto, já faz parte do sujeito.

Nos ateliês biográficos de projeto os participantes poderão dialogar uns com os outros. O outro é muito importante nesse processo, como sendo aquele que “me escuta”, que tem uma escuta sensível das “minhas histórias”. Os relatos e os diálogos ocupam, nesse contexto, o lugar de um trabalho reflexivo, resultados da interação entre os membros do grupo e

podem ser reveladoras da trajetória inicial na profissão e da construção da profissionalidade e da identidade dos participantes.

Isso porque, em contrapartida dos ateliês biográficos, o retorno para os participantes é a formação, através da autoformação e formação continuada e o despertar do saber sensível, que a ludicidade proporciona. É dessa forma que ateliês e a ludicidade se fazem presente no esmo contexto formativo.

### Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 149-170.

CUNHA, Maria Isabel da. Conte-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.

D'ÁVILA, Cristina. Didática: a arte de formar professores no contexto universitário. In: \_\_\_\_\_; VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Didática e docência na educação superior: implicações para a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-30.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

\_\_\_\_\_. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a.

\_\_\_\_\_. Introdução. Pesquisa biográfica em educação: orientações e territórios. In: SOUZA, Elizeu Clementino; PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Pesquisa (auto) biográfica e práticas de formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b. p. 19-38.

JOSSO, Marie Christine (Org.). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. As narrativas centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, n. 29, p. 17-30, jan./jun. 2008.

LOPES, Maria Conceição Oliveira. *Ludicidade humana: contributos para a busca dos sentidos do Humano*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

LUCKESI, Cipriano. *Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna*. 25 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>>. Acesso em: maio 2015.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. *Pro-Posições*, v. 15, n. 2 (44), p. 165-173, maio/ago. 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. In: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 3., 2000, São Paulo. *Anais...* Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_ et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 257-268.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, Tatiane M. N; CÂMARA, Sandra C. X. Gêneros acadêmicos autobiográficos: desafios do GRIFARS. In: SOUZA, Elizeu Clementino; PASSEGGI, Maria da Conceição. (Org.). *Pesquisa (auto) biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 57-89.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RABELLO, Roberto Sanches. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que e: arte e ludicidade na formação do professor. In: D'AVILA, Cristina (Org.). *Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo*. 2. ed. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 91-105.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

\_\_\_\_\_. (Auto) biografia, histórias de vida e prática de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia M. (Org.). *Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.